

QUANDO O CELULAR CALA O CORPO FALA: O USO DAS TECNOLOGIAS NAS AULAS DE DANÇA NO ENSINO MÉDIO, UM DIÁLOGO POSSÍVEL.

Tiago Lima¹
Elisa Abrão²

RESUMO

Este trabalho apresenta um relato de experiência das práticas de dança desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), implementado no curso de Dança da Faculdade de Educação Física e Dança da UFG. O objetivo é compartilhar as experiências vividas com os alunos do primeiro ano do ensino médio, no que se refere ao uso das tecnologias — especificamente o celular — como dispositivo criativo no campo escolar, em diálogo inventivo sensível entre tecnologia e corpo. A vivência ocorreu por meio da criação de videodança, compreendendo o celular como ferramenta que ampliou as possibilidades estéticas da dança, explorando novas formas de composição, enquadramento, montagem e relação entre o corpo, imagem e espaço. Durante a prática de criação do vídeo interativo, observou-se o engajamento e a participação ativa dos estudantes. Foi perceptível a união e a conectividade entre eles, ainda que a presença do celular ocupasse lugar de destaque. A experiência com a videodança reafirmou que a arte possui potencial de sensibilização, ao mesmo tempo em que pode estabelecer um diálogo frutífero com saberes tecnológicos. Não se trata de depender das tecnologias, mas de encontrar um equilíbrio nessa interdisciplinaridade, utilizando-as de forma criativa e consciente nos contextos pedagógicos.

Palavras-chave: PIBID, Dança, Tecnologia, Educação.

INTRODUÇÃO

Quando falamos de tecnologia, muitos de nós ficamos assustados devido aos embaraços nesse beco de conexões, no qual muito se questiona sobre os impactos que podem ter sobre a vida de alguém, ainda mais na existência de adolescentes que estão nos primeiros passos desta auto descoberta de mundo e de si. Começamos a atuação do PIBID no ano letivo 2025

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Goiás - UFG, tiagolima@discente.ufg.br

² Professora do curso de Licenciatura em Dança — UFG. Coordenadora do PIBID — Dança. Membro fundadora do Coletivo CEIVA: Experiências Somáticas e Prática como Pesquisa (CNPq). Coordenadora do Coletivo

Pede-Vento (UFG). Doutora em Artes da Cena (Unicamp) com Doutorado Sanduíche na Faculdade Nova de Lisboa. Especialista no Sistema Laban/Bartenieff pela Faculdade Angel

Vianna/Centro Laban/RJ, com equivalência pelo LIMS/NY. elisaabram@ufg.br

no Colégio Estadual Colemar Natal e Silva, já com o cumprimento da Lei nº 15.100/2025, que proíbe o uso de celulares na escola. A retirada dos celulares alterou o comportamento dos alunos, alterou o contexto escolar, sendo visível no comportamento dos alunos uma maior presença e falas durante as aulas, o conteúdo que estávamos ministrando eram jogos de improvisação que estimulam a criatividade e autonomia corporal inventiva, e dentro de nossas intenções pedagógicas percebemos a importância de investir em dinâmicas de grupo dentro das propostas de improvisação.

Mas somos seres grupais que, independentemente da idade ou fase da vida, passamos por constante transformação, o que se intensifica nas gerações mais jovens. Portanto, é preciso acompanhar essa transformação, olhando para o jovem e para aquilo a que ele está dando importância. (Huelsen, 2015, p.144)

Assim podemos dizer que, temos essa coletividade em nossa essência, e observar as mudanças que estão presentes entre as pessoas mais jovens é um campo de compreensão para que os saberes venham ser ampliados e venham ser sementes que darão frutos futuros. Nesse contexto, buscando trazer amplitude e um movimento mais fluido no campo das artes, no caso na aula de dança trabalhada na escola, eu trouxe o conceito de videodança, que faz o elo da dança e a linguagem audiovisual. Leite (2022) nos aponta que usando esse conceito podemos escapar dessa ideia que o teatro tem como aspecto, este frente a frente, podendo nos dar o poder de experimentarmos outras direções, enquadramentos, formas e angulações, como também fugindo do modo preso de espaço-tempo, em que, esse conteúdo poderá ser visto a qualquer hora nos dispositivos de tela, de modo que também corrobora para uma coletividade integrada. Para além dessa saída do teatro, esse conceito de videodança, nos permite gravar em qualquer espaço, nesse formato plano que por sinal tem seus limites, no teatro temos a tridimensionalidade, já nos dispositivos de tela tem esse espaço limite. A metodologia usada neste artigo se baseou em um levantamento bibliográfico de trabalhos científicos já publicados e em como as próprias práticas anunciaram os fazeres pedagógicos.

O artigo justifica-se por mostrar que há maneiras de dialogar os saberes tecnológicos e dança de modo a colaborar nos processos pedagógicos, reafirmando o que já foi publicado por outros pesquisadores que trago por meio de citações neste trabalho.

Esse artigo teve como objetivo geral compreender como podemos de forma inventiva e dinâmica dialogar esse corpo-câmera, se firmando no conceito de videodança através do dispositivo de tela, o celular, dentro do contexto pedagógico nas aulas de dança no primeiro ano do ensino médio. E para que essa compreensão fosse alcançada nos apoiamos nos objetivos específicos em :

Apresentar os conceitos de videodança nos contextos pedagógicos nas aulas de dança; Experimentar o cirandar como sendo um eixo base para as dinâmicas de grupo, e logo em seguida utilizando o Hip Hop como o estilo de dança escolhido para a experimentação da videodança; Discutir os resultados obtidos dessa experimentação e observação das dinâmicas da videodança.

REFERENCIAL TEÓRICO

AS RELAÇÕES DO CORPO-ESPAÇO ATÉ APARECEREM NA TELA

A dança trafega entre o espaço físico e esse corpo-espacço, que é o nosso corpo em sua ampla dimensão, a interação entre ambas cria uma atmosfera que nos permite deslizar no movimento, cujo, posso crescer afundando ou até mesmo chicotear com as extremidades do meu corpo, como por exemplo usando meus braços e pernas, ou até mesmo com o quadril, usando essa anatomia presente do corpo.

Muitas vezes, nos exercícios propostos por Laban/Bartenieff, utiliza-se do Espaço como um motivador para o movimento, mantendo-se a ênfase corporal. Este princípio implica no tônus muscular das partes que, ao moverem-se, projetam-se no Espaço. Não é necessário que se direcionem para este ou aquele ponto no espaço, mas que apresentem em si, enquanto Corpo, uma intenção de prolongarem-se para o Espaço, mesmo em aparente repouso. Todos os fundamentos Corporais são realizados com uma clara intenção espacial a partir de um ponto ósseo específico,

auxiliando o corpo na conexão de suas partes durante o movimento. (Fernandes, 2002, p. 57-58.)

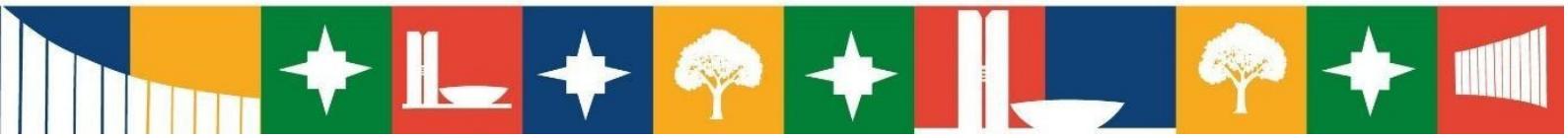
Nesse sentido, trabalhando o corpo e suas possibilidades podemos ganhar mais espaço, por mais que esse espaço em si seja menor, tudo parte dessa intencionalidade e ciência de compreender as ramificações e conexões presentes no corpo.

Entendendo esse caminho, comecei a me questionar, perguntas do tipo : “ como eu pesquisador/ professor posso trazer uma dinamicidade para dentro dessa sala de aula que relativamente é pequena, para que venha instigar a forma criativa que já existe nos alunos ?”, “ como posso construir um elo de conhecimentos que eu já possuo com o dos meus alunos?”, porque de certa forma precisamos pensar em como amplificar as formas do fazer para que uma base de aula venha ser ofertada, e desde sempre, muito se falou em “já ter um método pronto”, só que isso vem sendo desconstruído na minha cabeça, porque meus professores da faculdade vem nos convidando a pensar diferente, no qual os saberes dos alunos são importantes, e trabalhar esse compartilhamento, essa troca, é um caminho ideal.

Ok, primeiro trabalha-se o corpo e suas possibilidades, Setenta (2008) nos diz que o corpo fala, ele tem sua própria maneira de dizer, essa rede de impulsos e entrelaços de memórias como uma mídia, que cria o que de fato existe em si. Ou seja, aguçando a minha percepção de olhar a fala de movimento dos meus alunos, já me deu o primeiro direcionamento para os próximos passos, aquela era uma turma muito falante e expressiva.

A organização corporal da fala da dança faz das informações trocadas entre corpo e ambiente, o seu material no mundo. Registros, traços, e vestígios de vida; histórias de vida. Do contato que estabelece entre as informações que vêm de fora com informações existentes em um corpo, ocorre um movimento de reorganização, que desencadeia a produção de outras informações. (Setenta, 2008, p. 40-41.)

O corpo traz consigo tudo que já foi vivido até o seu estado atual, muitas vezes procuramos por respostas que estão expostas de frente de nossos olhos, e pelo fato de não nos atentarmos às minuciosidades, corremos o risco de ficar sempre em questionamentos. Posso dizer, que as memórias constituem o corpo, e que abre o leque no fomento de criação expressiva que se transforma em movimentos. Santana (2006) A ideia que “a mente é a uma máquina” já vem sendo debatida por muito tempo, e de fato essa relação com a mídia tecnologia é um paralelo



da existência de corpo-máquina, no processo de evolução em que a dança está conectada... sendo racional pensar a dança com “ mediação tecnológica”. Não se distancia muito o pensamento de trabalhar os dois campos, já que as conexões entre ambas já existem, catalogando assim, as memórias presentes para a composição de uma metodologia.

METODOLOGIA

A metodologia que abordarei será uma revisão de literatura e como as próprias práticas do PIBID anunciam os caminhos, nesse diálogo entre as teorias e o que a própria prática me trouxe de novas dinâmicas de teorização, e o quanto as teorias me movimentaram para uma dinâmica de uma prática diferenciada.

COMO A VIDEO DANÇA SE FEZ EM USO COM ESSES SABERES

Para compreender o caminho e chegar no vídeo final, precisei entender como se dá esse conceito de videodança, e segundo Santos(2015, pág.62)“Por tratar-se de uma linguagem influenciada pela relação entre dança e vídeo, a videodança é um desdobramento do relacionamento com contribuições mútuas entre as linguagens da cinematografia e da coreografia”, desse modo o primeiro movimento, foi convidar os alunos a pensar o celular como sendo parte do processo didático, e não como uma “arma”, que expõe ou traga medo quando mirada em direção ao próprio corpo, foi então que escolhi um aluno e passamos a fita adesiva em volta da cintura dele prendendo o celular no seu corpo, momento esse que rendeu muita diversão e risadas, e assim fizemos uma grande roda de mãos dadas, começamos a cirandar, ciranda essa que usamos como sendo parte didático.

A ciranda carrega consigo esse papel na dança de trazer essa coletividade e diversão, é no modo brincante que se aprende, “É uma dança democrática que não estabelece hierarquias, pois não possibilita a existência de um solista. Qualquer um pode bailar com expressões corporais naturais e singelas.”(LOUREIRO; LIMA, 2018, p. 398.). E nessa brincadeira começamos a investigar possibilidades de movimentos, como por exemplo movimento de ondas com os braços, os níveis alto, médio e baixo e assim soltamos as mãos e continuamos

nessa investigação, num determinado momento, separamos trios para que fosse composto células coreográficas, cada grupo deveria criar três movimentos e apresentar para a turma, enquanto isso o celular foi retirado da cintura do aluno e enquanto eles criavam as coreografias eu analisava a gravação no celular.

Nessa análise, pude notar que o enquadramento e amplitude do vídeo tinha ficado muito dinâmico com as diferentes movimentações do aluno no qual o celular estava grudado, e a perspectiva em relação aos alunos que estavam sendo gravados era como se estivessem num looping como quem está numa montanha russa, o celular estava gravando na vertical, que no caso é bem melhor o ângulo já que é possível ter um panorama inteira do corpo. Ou seja, a forma de movimentação do aluno com o celular grudado impactou na gravação, assim como o dinamismo dos demais colegas no momento da investigação da dança ao se movimentarem, permitindo ter outro olhar de imagem e ângulo.

Figura 1- Cirandando no conceito corpo-câmera. **Audiodescrição da imagem:** Imagem capturada de um ângulo superior, olhando para baixo, em que estão presentes cinco alunos, um professor e uma professora, cirandando de mãos dadas que se estendem para o centro da roda.



Fonte: LIMA, Tiago. Arquivo Pessoal. 2025.

Outro ponto a ser mencionado é a questão que percebi sobre o impacto que a iluminação causa, no vídeo percebi que a medida que a movimentação da câmera presa ao aluno aconteceu partes dos corpos dos alunos ficaram numa espécie de sombra, e como apareceu também as múltiplas variações de formas, como, nuances de sombra mão/pé, metade de um rosto em evidência que conversava com uma perna elevada, o desenho da dança ciranda que observei no vídeo ficou muito interessante e artístico. A partir dessa minha observação do



vídeo, eu já tinha em mente quais ângulos entrariam na gravação da videodança das células coreográficas que os alunos estavam criando. Assim que terminaram de criar, já fomos para as apresentações, no total tiveram três grupos de trio, o primeiro estava bem engajado nas coreografias, eles escolheram uma música bem hip hop e os movimentos eram fortes nesse sentido de ir mais para o chão, o segundo já trouxe algo mais puxado para o nível alto, com movimentos mais fluidos e sensíveis, o terceiro também trouxe um nível alto com poucas dinâmicas, movimentos bem simples. Depois que todos apresentaram, abrimos um diálogo sobre as duas dinâmicas que vivenciamos, já aí vi que seria melhor mudar minha visão de só eu escolher, depois de ouvi-los, e resolvemos em conjunto decidir os ângulos que iríamos gravar a nossa videodança, eles olharam o vídeo gravado da primeira dinâmica e assim foi escolhido e explicado para a Nath quais seriam os ângulos e direções para a gravação.

O *videomaker* também se envolve de maneira corporal no que está acontecendo, seja na investigação das possibilidades e escolhas para cada situação, que envolve o aproximar, distanciar, silenciar o movimento do próprio corpo, afetações que exigem um estado de prontidão corporal, incluindo o movimento de retomar o material captado para a edição. (Araujo, 2019, p.51)

O papel de gravar estava comigo e Nath, ou seja, também fazemos esse papel de investigar e estar presente no momento da elaboração de angulação e gravação, a videodança engloba não somente quem é gravado mas todos que participam, até mesmo as pessoas dos bastidores. Gravamos na vertical a nossa videodança, o segundo grupo foi o primeiro, depois o terceiro e assim o primeiro grupo ficou por último para gravar. Levei para casa as gravações e editei.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A videodança é uma prática artística híbrida, que se constrói através de uma proposta de diluição das fronteiras entre dança e audiovisual, propondo paradigmas próprios que envolvem novas e particulares dinâmicas de relações entre corpo, imagem, tempo, espaço e acontecimento cênico.(Araujo, 2019, p. 50.)

A composição do vídeo final criado pelos alunos me fez vê que esse eixo de dança e tecnologia é um caminho que existe muita riqueza, no momento da edição, o vídeo tem

ângulos, e imagem, o som era o que saia da caixa de som que estava na sala, não sendo o usado como trilha final, no caso, coloquei outra música que se encaixou muito bem.

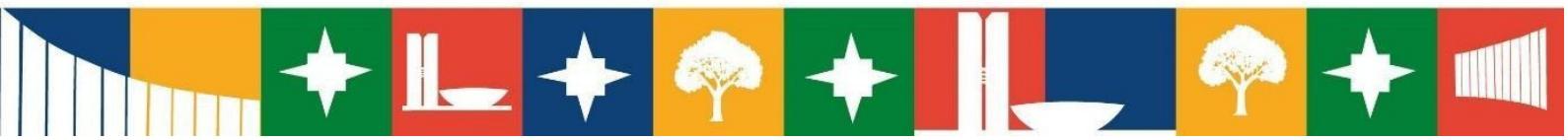
“Por fim, afirma-se que o ensino de videodança na escola é capaz de (re)orientar os modos de pensar-fazer dança a partir da fruição de novas temporalidades e espacialidades desencadeados por uma relação de intermídias.”(Santos, 2015, pág. 134).

As formas e desdobramentos da coreografia como um todo me causou uma sensação de alegria, acredito que no momento da gravação essa sinestesia de tato e visão estavam muito aguçados já que tínhamos passado por todo um processo antes, de brincar em roda de mãos dadas e depois a experimentação individual do próprio corpo, esse contato um com o outro, contato com o ambiente são a chave para uma fluidez.

A forma como uma dinâmica de cirandar muda toda uma estrutura de corpo, é imensurável, é perceptível no antes e depois, porque traz esse essência que nós já temos de brincar, eu batia nessa tecla porque o brincar é o lugar de ludicidade e criatividade que perdemos devido a vida rotineira, e resgatar isso é muito importante, principalmente em processos como esse de criação de videodança. O que notei, foi o engajamento e coletividade entre eles, na segunda proposta eu vi que tiveram grupos ainda com uma certa timidez mas é compreensível já que não estão habituados com esse conceito de câmera e dança, porém a crescente no desenvolvimento foi perceptível. Me vi também transformado nesse jogo de trocas, porque não só eu estou nesse lugar de escolher, só eu decidir, ainda bem que posso decidir e compartilhar em conjunto, essa participação ativa deles me atravessou. Por último, questionei o aluno que estava com o celular grudado se ele havia sentido algum incômodo, ou desconforto, o mesmo disse que foi tranquilo, então o perguntei, qual era a sensação de estar com o celular grudado no corpo, ele respondeu que era normal, não atrapalhava em nenhum movimento, disse que se divertiu nessa dinâmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No videodança final que os alunos entregaram foi um vídeo que apresentou uma evolução e atravessamentos que a arte é capaz de fazer, o brincar no compasso dos enquadramentos e de se entregar a composição de coreografias criativas, por mais que o celular estivesse em evidência, conseguiram fluir nessa interdisciplinaridade.





Conseguir perceber também como a iluminação é capaz de mudar as nuances e formas e transformá-las numa imagem-dança que se destaque nesse processo, a quebra de timidez é também um fator que merece ser mencionado já que passa por esse processo de criação.

As novas estéticas desse caminho inventivo nos mostraram que podem surgir a partir de investigações como essas, e entender esse espaço é perceber que há um diálogo frutífero a ser pesquisado sempre. O olhar dos alunos mudaram em relação ao celular, de ameaça, eu acredito que realmente o celular se tornou um aliado nos processos didáticos e inventivos, desde a análise do que tinha sido gravado na segunda dinâmica até o videodança final, e a forma como eles mesmo participaram nas escolhas de ângulos, criação das coreografias, análise do próprio movimento corporal, ou seja, tudo isso deu uma autonomia e crescimento de saberes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora prof.^a Dra Elisa Abrão por todo carinho e ensinamento durante meu percurso durante o processo desde a atuação na escola até a escrita do meu artigo, sou muito grato, sabemos que foi uma caminhada árdua, um arado difícil mas que conseguimos juntos plantar sementes boas. Espero um dia ser essa semente que dê excelentes frutos e que eu seja pelo menos alguns porcentos do que você é professora, te admiro muito, e me espelho em ti.

Agradeço à professora Ana Paula Blotta por todo cuidado e aconchego na escola, a melhor do mundo, eu sempre me lembro desde o dia que pisei na escola Colemar, ela com aquele sorrisão no rosto, nos recebendo de braços abertos, eu quero que ela saiba que tenho aprendido muito com seus ensinamentos, além de ser uma profissional maravilhosa e que ama o que faz, é uma pessoa de uma alma inefável.

Agradeço à Nathalia minha companheira que estava lá de corpo e alma comigo, sabemos que cada passo é mais um passo perto para chegarmos longe, obrigado por não largar minha mão, pela dedicação na construção dos planos de aula e por ser essa pessoa carismática e louca, você é incrível.

Agradeço ao corpo docente e a todos que compõem o núcleo escolar por nos receber e acreditar na arte, essa arte que sensibiliza e que transforma, sei que o fazemos ecoa no



universo, e tenho certeza que os frutos desses ensinamentos, veremos brilhar nesse país e quiçá no mundo. Obrigado as tias que organizam e deixam a sala limpa e aconchegante para nossa chegada e práticas de aula, vocês não tem dimensão do quanto são maravilhosas.

Agradeço à mim por não desistir e permanecer firme nos meus objetivos e propósitos, por sempre estar em busca de ser uma pessoa que agregue na vida de outras pessoas e que sempre está em constante aprendizado, Tiago eu tenho orgulho da pessoa que você é tenho certeza que irá conseguir conquistar seu sonhos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº15.100, 13 de janeiro de 2025. Institui o Código Civil. **Diário Oficial da União:** seção 1, Brasília, DF, 2025, p.3. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2023-2026/2025/lei/l15100.htm Acesso em: 20 out.2025.

HUELSEN, Patrícia. **A influência da tecnologia nos valores das gerações.** Goiânia, GO: FUNAPE: MEDIA LAB/CIAR UFG/ GRÁFICA UFG, 2025.

LEITE, Ana Rita. “Dança e tecnologia: videodança e modos de presença”. **Viso: Cadernos de estética aplicada**, Belo Horizonte, MG, v.16, nº31(jul-dez/2022), p.23-49

FERNANDES, Ciane. **O corpo em movimento: o sistema Laban/Bartenieff na formação e pesquisa em artes cênicas.** São Paulo: Annablume, 2002.

SETENTA, Jussara Sobreira. **O fazer-dizer do corpo: dança e performatividade.** Salvador: EDUFBA, 2008.

SANTANA, Ivani. **Dança na cultura digital.** Salvador: EDUFBA, 2006.

LOUREIRO, Maristela; LIMA, Sonia Albano de. As cirandas brasileiras e sua inserção no ensino fundamental e nos cursos de formação de docentes. **DAPesquisa**, Florianópolis, v. 7,





n. 9, p. 393–410, 2018. DOI: 10.5965/1808312907092012393. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/13971>. Acesso em: 20 out. 2025

ARAUJO, Ana Carolina de. **Videodança na Escola: Processos de criação entre crianças uma artista-docente no ensino fundamental 1.** Dissertação(Mestrado em artes da cena na área de teatro,dança e performance) Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2019.

SANTOS, Bruna Bardini dos. **Videodança na escola: reflexões sobre o corpo e a dança no contexto escolar.** Dissertação (Mestrado em Educação). Curitiba. Universidade Federal do Paraná. 2015, 155 f. Disponível em : <https://hdl.handle.net/1884/40439> Acesso em : 05/11/2025.

LIMA, Tiago. **Cirandando no conceito corpo-câmera.** Arquivo Pessoal. 2025.